

A polissemia do termo ἰδέα (idéa) em Isócrates

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda¹

Resumo: Enquanto legado de uma educação filosófica baseada no aprendizado da prática oratória, as obras de Isócrates (séc. IV a.C.) sempre resguardaram uma clara ambivalência política e epidítica, ainda que sob a forma dos mais diversos temas e gêneros (discursos encomiásticos, judiciais e deliberativos, sobretudo). Como não era efetivamente um orador, pois jamais proferiu seus discursos em público, mas um educador do *lógos* cívico, Isócrates tece, por conseguinte, diversas reflexões metadiscursivas, a fim de explicar a discípulos e leitores as razões para essas misturas de temas e gêneros dentro de uma mesma obra, numa espécie de “literatura experimental”. Nessas reflexões, detectamos diversas ocorrências do termo ἰδέα (*idéa*), em diferentes contextos, e, principalmente, com pelo menos quatro sentidos diversos: *gênero* discursivo, *figura* discursiva, *elementos* discursivos e *tema* de um discurso. Neste artigo, pretendo fazer a análise dessa polissemia do termo nas obras do autor, a fim de verificar como termos mais genéricos da prosa ática podem apontar para futuras terminologias técnicas que se tornaram canônicas na Retórica Clássica.

Palavras-chave: Isócrates; *idéa*; reflexões metadiscursivas.

Abstract: As a legacy of a philosophical education based on the learning of oratory practice, the works of Isocrates (4th century BC) have always preserved a clear political and epideictic ambivalence, albeit in the form of the most diverse themes and genres (encomiastic, judicial and deliberative speeches, overall). Since he was not actually an orator, as he never delivered his speeches in public, but an educator of civic *logos*, Isocrates therefore write several metadiscursive reflections in order to explain to students and readers the reasons for these mixtures of themes and genres within a same work, in a kind of “experimental literature”. In these reflections, we detect several occurrences of the term ἰδέα (*idéa*), in different contexts, and mainly with at least four different meanings: discursive *genre*, discursive *figure*, discursive *elements* and *theme* of a speech. In this article, I intend to analyze this polysemy of the term in the works of the author, in order to verify how more generic terms of Attic prose can point to future technical terminologies that have become canonical in Classical Rhetoric.

Keywords: Isocrates; *idéa*; metadiscursive reflections.

Introdução

Atentar-se para grande parte do vocabulário com o qual Isócrates opera em seus discursos é condição elementar para compreendermos certas particularidades de suas reflexões

¹ Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

metadiscursivas. Expressões como μικτός ὁ λόγος (*miktós ho lógos*) – para a noção de “discurso misto” (*Antídose*, 12) – e λόγος πολιτικός (*lógos politikós*) – como conceito basilar de sua oratória política (*Contra os sofistas*, 21, e *Antídose*, 45-46, dentre outras passagens), por exemplo, possuem importância central para a reflexão e definição de sua atividade pedagógica voltada para a educação cívica e oratória, o que torna, assim, a obra isocrática tão peculiar. Em *Studi su Isocrate*, para introduzir a discussão sobre os gêneros de prosa em Isócrates, Nicolai (2004) assinala o autor como um dos primeiros da Grécia Antiga a realizar reflexões teóricas a esse respeito, e aponta precisamente para o termo ἰδέα (*idéa*) como emblemático para a discussão sobre as escolhas terminológicas empregadas por Isócrates:

La riscoperta delle potenzialità e dell’ambiguità dei generi letterari (dove l’ambiguità appare come la potenzialità maggiore) comporta l’esigenza di tornare alla teoria letteraria antica e in particolare proprio a Isocrate, che si colloca all’inizio della riflessione greca sui generi della prosa affidati alla scrittura. Anche la teoria antica presenta ampie aree di ambiguità, che si riflettono puntualmente nelle scelte terminologiche. Per rimanere a Isocrate, è esemplare il caso del termine ἰδέα, che ha creato non poche incertezze agli esegeti (NICOLAI, 2004, p. 37).

O caso do discurso *Antídose* do autor, em especial, é paradigmático para que possamos compreender a multiplicidade semântica do referido termo, já que, nele, encontramos quatro ocorrências de *idéa*, e, nelas, ao menos três acepções em particular. Como todas essas acepções, apesar de distintas, estão sempre vinculadas a alguma reflexão a respeito do *lógos*, uma análise mais atenta sobre suas nuances torna-se indispensável para aqueles que estudam os aspectos fundamentais da prosa isocrática. Este artigo, portanto, é dedicado à análise da polissemia do termo *idéa* no discurso *Antídose* de Isócrates, apoiando-se, ademais, em outros passos do *corpus* isocrático em que o mesmo termo ou o mesmo conceito também ocorrem. Desse modo, poderemos verificar, por meio de suas acepções e contextos, a função do termo em cada uma de suas ocorrências, presentes nas reflexões metadiscursivas do autor que aqui serão discutidas.

Diferentemente da noção que temos hoje da palavra “ideia”, o sentido básico de “ἰδέα” (*idéa*) em grego clássico é, geralmente, o de “forma”, “aparência”. Como resultado de um processo de substantivação derivado da mesma raiz do verbo ἰδεῖν (*ideîn*), aoristo de ὁράω (*horáō*), isto é, “ver”, *idéa*, *a priori*, significa “aquilo que é visto”, “algo que pode ser percebido”². Desse modo, não é por acaso que o termo é de fato polissêmico, uma vez que tal abstração do sentido da visão pode assumir diferentes acepções, como “forma”, “figura”, “tipo”, “aspecto”, “parte”, etc. Até o séc. V a.C., encontramos, na poesia e na prosa, apenas ocorrências em sentido concreto (i.e., “forma” física, em geral); todavia, a partir do séc. IV, o termo passa a assumir também nuances abstratas, sobretudo em textos filosóficos, utilizado principalmente como item de classificação “científica”, em acepções como “gênero”, “tipo”, “classe”, etc. (SCHLATTER, 1972, p. 592).

No *corpus* isocrático, por sua vez, encontram-se dezenove ocorrências do termo. Dessas, apenas seis não nos interessam para o presente estudo³. Todas as outras treze, por outro lado, estão presentes em reflexões metadiscursivas, e podemos enquadrá-las em ao menos quatro diferentes acepções:

2 Cf. os dicionários etimológicos de Chantraine (1999, p. 455) e Beekes (2010, p. 577).

3 Cf. *Elogio de Helena* 54 e 58 (“características” de Helena); *Nícocles* 30 e 44 (“qualidade”; “condições”); *Para Nícocles* 34 (“qualidades”); e *Panatenáico* 132 (“modos” de governo).

- (i) “*gênero*” de discurso (ou *modalidade discursiva*);
- (ii) *figura* discursiva (*trópos*);
- (iii) *elementos* do *lógos* (*procedimentos* de composição), de modo genérico, abarcando aqui, basicamente, as três acepções anteriores;
- (iv) *tema* de um discurso.

Neste estudo, faremos as análises segundo estas categorias, propostas por Sullivan (2001) em seu artigo *Eidos/idea in Isocrates*. Discordaremos, no entanto, de sua interpretação em algumas ocorrências, conforme se verificará ao longo do trabalho de análise. Wersdörfer (1940, p. 53-54), por sua vez, faz uma divisão mais específica, propondo sete acepções distintas para o termo, mas alerta que não devemos esperar clareza e assertividade ao assinalar um significado exato para cada ocorrência de *idéa* em particular. O uso do termo em Isócrates, mesmo quando ocorre em reflexões metadiscursivas, é, em geral, impreciso e genérico, pois ele o utiliza de forma fluida, sem discutir de maneira teórica suas possíveis nuances. De acordo com Nicolai (2004, p. 37-38):

La terminologia impiegata da Isocrate non classifica i fenomeni in relazione a uma scala che procede dal generale al particolare, ma li designa in modo generico, utilizzando lo stesso termine sia per un caso singolo sia per un concetto generale che lo racchiude. Nel caso di *idéa*, per gli usi afferenti alla sfera letteraria, il termine indica la forma di un contenuto o di un procedimento argumentativo o retorico, dal livello delle figure retoriche a quello del genere letterario.

Por essa razão, podemos no máximo propor possíveis interpretações baseadas tão somente nos *contextos* em que *idéa* ocorre, sem que, contudo, sejamos categóricos em nossas proposições. Passemos, portanto, para a análise das ocorrências do termo em Isócrates, partindo, em cada acepção, daquelas presentes no discurso *Antidose*, a fim de verificarmos suas demais nuances no restante do *corpus* isocrático.

idéa como “*gênero*” ou “*modalidade discursiva*”

A primeira ocorrência do termo no discurso *Antidose* encontra-se nas últimas linhas do primeiro próemio (§§1-13). No §11, Isócrates explica uma das dificuldades enfrentadas no processo de composição do presente discurso: mesclar muitos de seus antigos trabalhos dentro deste que agora se inicia, a fim de lhe conferir certa unidade discursiva:

11. Então, olhar de uma só vez um discurso tão extenso, reunir e conjugar tantas modalidades discursivas tão diversas entre si, adaptar o que vem em seguida àquilo que fora dito anteriormente, e fazer tudo convergir entre si não era um trabalho deveras pequeno. Todavia, apesar de velho, não renunciei antes de concluí-lo, proferindo-o com muita sinceridade. Por fim, quanto às outras características do discurso, será a opinião dos ouvintes a julgá-las.⁴

4 Todas as traduções de excertos de Isócrates presentes neste trabalho são de minha autoria. Trecho original: “11. Τοσοῦτον οὖν μήκος λόγου συνιδεῖν καὶ τοσαύτας ἰδέας καὶ τοσοῦτον ἀλλήλων ἀφροστάσας συναρμόσαι καὶ συναγαγεῖν καὶ τὰς ἐπιφερομένας οἰκειῶσαι ταῖς προειρημέναις καὶ πάσας ποιῆσαι σφίσιν αὐταῖς ὁμολογουμένας οὐ πάνυ μικρὸν ἦν ἔργον. Ὅμως δ' οὐκ ἀπέστην, καίπερ τηλικούτος ὢν, πρὶν αὐτὸν ἀπετέλεσα, μετὰ πολλῆς μὲν ἀληθείας εἰρημένον, τὰ δ' ἄλλα τοιοῦτον οἷός ἂν εἶναι δόξῃ τοῖς ἀκροουμένοις”.

No décimo parágrafo, Isócrates havia listado algumas categorias de seus antigos discursos: (1) discursos judiciários, (2) discursos públicos (epidíticos ou políticos, com destaque para o *Contra os sofistas*), e (3) discursos que serão citados ao longo do *Antídose* (*Panegírico*, *Para Nicocles*, *Sobre a paz*, além do próprio *Contra os sofistas*). Logo em seguida, no primeiro período do §11, o autor se vale precisamente do termo *idéa* para se referir a tais categorias. Assim, a acepção do termo aqui parece ser a de “gênero”, “modalidade discursiva”, i.e., aquelas categorias discursivas listadas no parágrafo anterior. Além disso, no subsequente §12, Isócrates declara que o leitor deve estar atento ao fato de que o *Antídose* se configura como um “discurso misto” (μικτοῦ τοῦ λόγου – *miktoû toû lógou*). Essa mescla, portanto, explica justamente o resultado de um processo de composição que sintetiza, no mesmo discurso, as *τοσαύτας idéας* (*tosaútas idéas* – judiciário, epidítico, político, etc.) do §11. Segundo o comentário de Too (2008, p. 101) a essa passagem:

[...] Isocrates speaks about the importance of producing a work which gives the impression of being a literary unity on which cf. 13.16-17 and Plato Phdr. 264c2-5. Again, literary vocabulary is not firmly established even in a single author. The noun *idéa* here denotes what we might now term speech ‘genres’ (15.46, 183; 4.7) [...] *idéa* is not to be regarded as a technical term, but as having the general sense of ‘kinds’ [...].

De fato, as reflexões metadiscursivas em Isócrates não operam por meio de um vocabulário técnico da Retórica, o qual posteriormente seria estabelecido pela tradição dessa disciplina, bem como não estão preocupadas em oferecer ao leitor uma visão propriamente teórica sobre a prática discursiva. Ao contrário, algumas delas se realizaram, como é o caso do §11 do *Antídose*, em um próêmio cuja função é tão somente alertar o leitor para as idiossincrasias inerentes ao processo de composição mista do autor. O termo *idéa* aqui, portanto, não possui exatamente uma nuance técnica de “gênero”, mas, em sentido genérico, “forma de discurso” ou “modalidade discursiva”.

Sullivan (2001), porém, entende que o termo no §11 do discurso *Antídose* possui outra acepção:

Isocrates uses the same word [idea] to refer to larger, structural, unites of discourses, independent blocks of material that can be worked into a speech. The clearest example of such a usage will be found in Antidosis. In his prologue to that discourse, Isocrates complains of the difficulty of the task. ‘Now, to conceive of such a long speech, and to gather and harmonize together so many scattered forms (ideas), is not easy’ (11). We might keep in mind what these ‘forms’ are that Isocrates gathers and harmonizes in the Antidosis. They are large portions of his other speeches, forty-eight sections of the Panegyricus, forty-four sections from two parts (both the proofs and conclusion) of On the Peace, twenty-five sections from To Nicocles, and four sections of Against the Sophists, which he has edited and compiled to act as his ‘witnesses’ in his fictional apologia (SULLIVAN, 2001, p. 86-87).

Ao contrário de Too (2008), o crítico interpreta a presente ocorrência do termo não como “modalidade discursiva”, mas como “parte”, “bloco” de um discurso. Seu argumento leva em consideração apenas o último item das obras que haviam sido elencadas por Isócrates no §10, i.e., os quatro excertos de discursos que serão citados ao longo do *Antídose* (*Panegírico*, *Sobre a paz*, *Para Nicocles* e *Contra os sofistas*). De fato, como se trata de longos trechos de antigos discursos isocráticos, Sullivan (2001) conclui que

as *idéas* no início do §11 se referem diretamente apenas a esses “blocos” de discursos. O crítico, todavia, parece não se atentar às outras categorias listadas anteriormente no §10 (judiciários e políticos), e, principalmente, à definição isocrática do *Antídose* como um *discurso misto* no §12. Por separar o §11 de seu contexto no proêmio, Sullivan, a meu ver, faz uma leitura imprecisa e apenas parcial dessa ocorrência de *idéa*, como “excerto”, “bloco”, “parte” de um discurso, e não como modalidade discursiva propriamente⁵.

A segunda ocorrência do termo no *Antídose* está presente no §46. Após suas considerações sobre a complexidade do “gênero misto” (judiciário e epidítico) no primeiro proêmio, e a construção de seu *ēthos* no segundo (§§14-29), Isócrates passa a tratar de outras questões teóricas relativas ao *lógos*, em meio a sua refutação contra seu acusador Lisímaco⁶:

45. Antes de tudo, portanto, é necessário que vós compreendais que os tipos de discursos não são menos numerosos do que os de poemas metrificados. De fato, os que investigam as linhagens dos semideuses, dedicaram-se exaustivamente à vida deles; outros estudaram sobre os poetas; alguns, ainda, quiseram reunir em discursos as empresas bélicas; e outros, por fim, os chamados antilógicos, dedicaram-se à discussão mediante perguntas e respostas. 46. Não seria tarefa pequena se alguém intentasse enumerar todas as modalidades discursivas. Então, convém a mim discorrer acerca daquela que me concerne, abdicando das demais. De fato, há alguns autores que, embora não sejam ignorantes nos tipos de discursos há pouco mencionados, preferiram escrever não sobre assuntos particulares, mas discursos pan-helênicos, voltados ao interesse da pólis e panegíricos. Todos diriam que tais discursos são mais semelhantes às composições musicadas e ritmadas do que àquilo que é proferido no tribunal⁷.

O termo *τρόποι* (*trópoi* – “tipos”) no §45 é, sem dúvida, sinônimo de *idéas* (*idéas* – “formas”) no §46. Ao empregar ambos os termos, Isócrates está apontando para as diferentes modalidades discursivas a que um compositor de discursos pode recorrer; em outras palavras, os termos se referem a diversos “gêneros” praticados por autores tanto do passado como de seu tempo. Além disso, quando afirma que tais gêneros da prosa são tão numerosos quanto os da poesia, o autor faz aqui, de certa maneira, uma defesa de sua prática discursiva: as composições em prosa não seriam inferiores às poéticas⁸.

5 Vale mencionar que as principais traduções de Isócrates no séc. XX divergem consideravelmente na escolha da acepção do termo *idéa* nessa passagem. Norlin (1929, p. 191), Too (2000, p. 207) e Hermida (1982, p. 308) optam por soluções mais neutras ou imprecisas (*varieties of discourse, types of discourse e ideas*, respectivamente). Mathieu (1942, p. 106) e Marzi (1991, p. 201), por outro lado, entendem o termo do mesmo modo que Sullivan (*thèmes e temi*, respectivamente).

6 Entre os §§29-51.

7 Trecho original: “45. Πρῶτον μὲν οὖν ἐκεῖνο δεῖ μαθεῖν ὑμᾶς, ὅτι τρόποι τῶν λόγων εἰσὶν οὐκ ἐλάττους ἢ τῶν μετὰ μέτρον ποιημάτων. Οἱ μὲν γὰρ τὰ γένη τὰ τῶν ἡμιθέων ἀναζητοῦντες τὸν βίον τὸν αὐτῶν κατέτριψαν, οἱ δὲ περὶ τοὺς ποιητὰς ἐφιλοσόφησαν, ἕτεροι δὲ τὰς πράξεις τὰς ἐν τοῖς πολέμοις συναγαγεῖν ἐβουλήθησαν, ἄλλοι δὲ τινες περὶ τὰς ἐρωτήσεις καὶ τὰς ἀποκρίσεις γεγόνασιν, οὓς ἀντιλογικοὺς καλοῦσιν. Εἶη δὲ ἂν οὐ μικρὸν ἔργον εἰ πάσας τις τὰς ἰδέας τὰς τῶν λόγων ἐξαριθμῆεν ἐπιχειρήσειεν” ἢς δὲ οὖν ἐμοὶ προσήκει, ταύτης μνησθεὶς ἕσσω τὰς ἄλλας. Εἰσὶν γὰρ τινες οἱ τῶν μὲν προεξηγημένων οὐκ ἀπείρωσ ἔχουσιν, γράφειν δὲ προήρηνται λόγους, οὐ περὶ τῶν ὑμετέρων συμβολαίων, ἀλλὰ Ἑλληνικοὺς καὶ πολιτικοὺς καὶ πανηγυρικοὺς, οὓς ἅπαντες ἂν φήσειαν ὁμοιοτέρους εἶναι τοῖς μετὰ μουσικῆς καὶ ῥυθμῶν πεποιημένοις ἢ τοῖς ἐν δικαστηρίῳ λεγομένοις”.

8 Cf. *Evágoras* 6-11, em que Isócrates vai além e eleva a condição de sua prosa em relação à poesia.

Tal acepção é mais bem evidenciada quando, em seguida, Isócrates passa a elencar alguns desses tipos de discursos: (1) vida dos semideuses, (2) vida dos poetas, (3) historiografia, (4) antilogia (erística/dialética), (5) discursos forenses e (6) discursos cívicos. Ele, todavia, não pretende listar todas essas modalidades discursivas, pois seria um trabalho praticamente impossível (εἶη δ' ἂν οὐ μικρὸν ἔργον – *éie d' àn ou mikròn érgon*)⁹. Isócrates, assim, não opera com uma taxonomia fixa e reduzida de “gêneros retóricos”, como tradicionalmente se convencionou a partir de Aristóteles em seu tratado de *Retórica* (judiciário, deliberativo e epidítico – 1358b7-8), mas antes com distinções qualitativas de um ou de outro tipo de discurso, sem propriamente formalizar categorias estanques da prosa de forma teorética, tão somente por meio de reflexões metadiscursivas dentro de seu próprio discurso. Segundo Too (1995, p. 20-21):

[...] Isocrates could not have in mind strict or rigid schema of genre – perhaps like the more theoretical regulation of genre found in Aristotle (specially the Rhetoric) and latter writers. This become clear from the presentation of prose categories he lists. We see that at Antidosis 45-6 Isocrates states only that there are as many genres of prose as there are types of poetry (poiēmata): the list he provides in this chapter is not intended to be exhaustive. Like the forms of poetry, the *ideai logōn*, the phrase which now denotes prose ‘genres’ (also Antidosis 183), are virtually innumerable. He has no intention of listing (exarithmein) them as this would involve a great labour.

Como as *idéas* são inumeráveis, o autor deixa de lado todas as demais para destacar apenas aquela que lhe interessa; seu “gênero” de prosa é definido em síntese como Ἑλληνικὸς καὶ πολιτικὸς καὶ πανηγυρικὸς (“discursos pan-helênicos, voltados ao interesse da pólis e panegíricos”). É importante percebermos que não se trata de três modalidades distintas de *lógoi*, mas aspectos do discurso cívico isocrático, já que ele pretende discorrer sobre apenas uma *idéa* que lhe é própria (ταύτης μνησθεῖς – *taútes mnestheis*). Em primeiro lugar, seus discursos são Ἑλληνικὸς (*Hellenikoús*) na medida em que tratam de questões pan-helênicas, o ideal político isocrático em prol da coalizão de todos os povos gregos contra os persas. São também πολιτικὸς (*politikoús*) porque dizem respeito ao interesse comum dos cidadãos e da pólis ateniense. Por fim, são πανηγυρικὸς (*panegyrikoús*) pois encontram como ocasião de *performance* uma πανήγυρις (*panégyris* – i.e., uma assembleia geral popular). A *idéa* discursiva eleita pelo autor para a composição de seus *lógoi* são descritas aqui por meio das três características mais marcantes de sua obra (TOO, 2008, p. 120).

É de suma importância aqui ressaltar que outro passo da obra isocrática muito semelhante ao *Antídose* 45-46 são os dois primeiros parágrafos do discurso *Panatenáico*. Ali, Isócrates arrola algumas modalidades discursivas para demonstrar de quais delas não se utilizou, e posteriormente de qual delas se serviu ao longo de sua vida como professor de oratória em sua escola e como conselheiro de Atenas. Publicado aos noventa e sete anos de idade, em 339 a.C., um ano antes de sua morte, o autor abre seu último discurso da seguinte maneira:

1. Quando mais jovem, não escolhi escrever discursos acerca de assuntos míticos, nem aqueles que são repletos de histórias extraordinárias e fictícias, não obstante muitos ho-

9 A oração é muito semelhante àquela do parágrafo analisado anteriormente, quando o termo *idéa* também ocorre: “§11 οὐ πᾶν μικρὸν ἦν ἔργον” (*ou pány mikròn ên érgon*).

mens se deleitem mais com isso do que com discursos proferidos em vista de sua salvação. Também não escrevi sobre as façanhas de outrora e as guerras empreendidas pelos gregos, embora eu saiba que, com justiça, esses discursos merecem louvor. Tampouco escrevi aqueles que parecem ser proferidos com simplicidade e que não possuem nenhuma fineza discursiva, ainda que os hábeis em disputas judiciárias exortem os mais jovens a proclamá-los, sobretudo quando precisarem superar seus adversários em um litígio forense. 2. Abduci de todos esses discursos e compus aqueles que aconselham nossa cidade e os demais gregos a respeito daquilo que é de seu *intereses*¹⁰.

Semelhantemente, Isócrates também elenca aqui algumas modalidades discursivas que afirma jamais ter praticado: (1) histórias míticas, (2) histórias extraordinárias e fictícias, (3) historiografia e (4) discursos judiciários. Por fim, destaca os (5) discursos cívicos que compôs¹¹. Novamente, sem categorizá-los formalmente, o autor faz uma breve enumeração dos tipos de discurso mais importantes ou mais praticados em sua época, embora pudesse haver outros tantos. “Histórias míticas” e “Histórias extraordinárias e fictícias” (*Panatenáico*) podem ser equiparadas aos discursos que retratam a vida dos semideuses (*Antídose*). Histórias dos feitos bélicos gregos constituem provavelmente a matéria do que conhecemos como “gênero histográfico”, numa provável alusão a autores como Heródoto, Tucídides e Xenofonte, por exemplo. Apenas na listagem do excerto do *Antídose* encontramos a categoria dos “antilógicos”, numa clara referência aos erísticos (ou dialéticos) criticados pelo autor no *Contra os sofistas* (§§1-8) e no mesmo *Antídose* (§§84, 266 e 271)¹².

Encontramos, todavia, nas duas listas, uma crítica mordaz àqueles que praticam o gênero judiciário. No *Antídose*, não somente no excerto citado, bem como em boa parte da obra, Isócrates busca demonstrar sua inexperiência no ambiente forense por supostamente nunca ter produzido discursos para tal âmbito. O autor alega insistentemente que jamais esteve envolvido em qualquer querela privada, mas que, por outro lado, preferiu escrever discursos cívicos com finalidade deliberativa, em vista de melhor aconselhar Atenas e a Grécia naquilo que lhes fosse útil e necessário. Tais composições seriam, assim, mais bem elaboradas estilisticamente, em oposição à oratória simplória (*ἀπλῶς - haplôs*, *Panatenáico* 2) e pouco eloquente do tribunal¹³.

10 Trecho original: “1. Νεώτερος μὲν ὢν προηρούμην γράφειν τῶν λόγων οὐ τοὺς μυθώδεις οὐδὲ τοὺς τερατείας καὶ ψευδολογίας μεστοὺς, οἷς οἱ πολλοὶ μᾶλλον χαίρουσιν ἢ τοῖς περὶ τῆς αὐτῶν σωτηρίας λεγομένοις, οὐδὲ τοὺς τὰς παλαιὰς πράξεις καὶ τοὺς πολέμους τοὺς Ἑλληνικοὺς ἐξηγουμένους, καίπερ εἰδὼς δικαίως αὐτοὺς ἐπαινουμένους, οὐδ’ αὖ τοὺς ἀπλῶς δοκοῦντας εἰρησθαι καὶ μηδεμίαν κομπόγητος μετέχοντας, οὓς οἱ δεινοὶ περὶ τοὺς ἀγῶνας παραινῶσι τοῖς νεωτέροις μελετᾶν, εἴπερ βούλονται πλέον ἔχειν τῶν ἀντιδίκων, 2. ἀλλὰ πάντα τοῦτους ἕασας περὶ ἐκείνων ἐπραγματευόμην τοὺς περὶ τῶν συμφερόντων τῆ τε πόλει καὶ τοῖς ἄλλοις Ἑλλήσι συμβουλευόντας”.

11 Em ambos os excertos do *Antídose* e do *Panatenáico*, o autor compõe um *priamel*, figura de discurso por meio da qual uma lista é composta, negando inicialmente uma série de itens, para, ao final, eleger apenas um em detrimento dos anteriores. Esse recurso estilístico encontra suas origens na tradição da poesia arcaica. Ver, por exemplo, Píndaro, *Olimpica* 11. No *Fr. 16 Lobel-Page* de Safo, uma série de elementos de matéria épica são inicialmente negados (cavalos, soldados, navios), para, por fim, se afirmar um elemento de matéria lírica (“aquilo que se ama”).

12 Vale lembrar que a crítica isocrática aos “erísticos” revela-se também como crítica à dialética platônica e à Academia. Cf. Too (2008, p. 219-220).

13 Por outro lado, encontramos no *corpus* isocrático seis discursos considerados judiciários, que podem ter sido produzidos em uma hipotética carreira logográfica do autor, antes da abertura de sua escola (~390 a.C.), ou podem se tratar de discursos fictícios de finalidade epidítica, modelares para seus discípulos dentro de um contexto pedagógico. Para uma melhor visão a respeito do tema, cf. Lacerda (2020, p. 39-40).

É pertinente ressaltar, contudo, que por trás de todas essas categorias isocráticas, está o julgamento moral que o autor faz de quem pratica uma ou outra dessas diferentes modalidades discursivas. Sempre que encontramos em Isócrates classificações das *idéai* de discurso, notamos que o autor as distingue para indicar quais são úteis ou não a Atenas e à Grécia, quais aconselham os jovens e quais os corrompem; em outras palavras, quais modalidades ele pratica e quais modalidades os outros autores praticam. Assim, as classificações isocráticas de suas *idéai* como gêneros da prosa constituem, de certo modo, uma espécie de distinção entre diferentes escritores do ponto de vista moral, considerando a matéria e a finalidade de cada um desses gêneros. Desse modo, o propósito de tais classificações é o de pontuar a recusa de gêneros praticados pelos demais, e, ao mesmo tempo, legitimar aquele que lhe é próprio. Segundo Wilcox (1973, p. 430): “neither list¹⁴ uses technical language or is scientific like Aristotle’s classifications. Each list approaches the subject from a slightly different point of view (kinds of authors, kinds of compositions)”.

Por fim, vale ainda mencionar as outras duas ocorrências do termo *idéa* no *corpus* isocrático com a acepção de “modalidade discursiva”. No elogio a *Busíris*, Isócrates oferece uma réplica ao discurso homônimo composto pelo sofista Polícrates, o qual supostamente não teria utilizado os argumentos apropriados à composição de um encômio. No §33, por sua vez, o autor afirma que Polícrates teria se equivocado quanto à *idéa* de seu discurso:

33. Então, mesmo que ambos nós tenhamos proferido inverdades, ao menos eu utilizei os argumentos que convêm àqueles que louvam, ao passo que tu, os que convêm àqueles que difamam. De modo que é evidente que te equivocaste não somente com relação à verdade de teus argumentos, mas principalmente na modalidade discursiva como um todo, por meio da qual se deve *elogiar*¹⁵.

O sentido de “gênero” em *idéa* parece ser evidente. Segundo Isócrates, Polícrates, ao tentar tecer um *elogio* a *Busíris*, acabou por fazer uma *invectiva* contra o mítico rei egípcio, fato já assinalado no início do proêmio (§§1-5). Visto que o sofista teria se equivocado quanto ao *modelo de composição* adotado, o autor lhe oferece o presente discurso como resposta, a fim de demonstrar como de fato se deve proceder ao tecer um encômio. Esse tipo de procedimento crítico a outro autor, que primeiro compôs uma obra homônima, é herança da tradição sofística do séc. V presente em Isócrates, e seu exemplo mais conhecido encontra-se na justificativa da composição de seu *Elogio de Helena*. A fim de compor uma réplica ao famoso discurso homônimo de Górgias¹⁶, Isócrates demonstra ali que o sofista, pretendendo elogiar a mítica Helena, acabou tecendo naquele caso uma apologia (§14). Desse modo, ao final do proêmio de seu *Elogio de Helena*, o autor faz uma breve reflexão metadiscursiva sobre como o gênero encomiástico não fora propriamente empregado por Górgias. Assim, ao menos com relação ao *Busíris* e ao *Elogio de Helena*, notamos que a motivação para a composição dos encômios isocráticos é, como ele próprio evidencia, oferecer uma resposta e uma melhor versão do mesmo tema abordado por

14 Ou seja, nem a do *Antidose*, nem a do *Panatenáico*.

15 No original: “33. Ἐπειτὶ εἰ καὶ τυγχάνομεν ἀμφοτέροι ψευδῆ λέγοντες, ἀλλ’ οὖν ἐγὼ μὲν κέχρημαι τοῦτοις τοῖς λόγοις οἷσπερ χρῆ τούτῳ ἐπαινοῦντας, σὺ δ’ οἷς προσήκει τοὺς λοιδοροῦντας ὥστ’ οὐ μόνον τῆς ἀληθείας αὐτῶν, ἀλλὰ καὶ τῆς ἰδέας ὅλης δι’ ἧς εὐλογεῖν δεῖ, φαίνει δημαρτηκῶς”.

16 É importante salientar que Górgias não é mencionado, embora quase toda a crítica moderna seja unânime em afirmar que a alusão é uma clara referência ao sofista de Leontine. Cf. Kennedy (1958, p. 79).

antigos escritores, criticando, ao final do proêmio, o modelo de composição (*idéa*) que estes haviam adotado anteriormente¹⁷.

A quarta e última ocorrência encontra-se no sétimo parágrafo do discurso *Panegírico*. Também em um proêmio, o autor explica os motivos pelos quais ele deve compor o presente discurso:

7. Ademais, se não fosse possível expor tais acontecimentos a não ser por meio de uma única modalidade discursiva, seria desnecessário fatigar os ouvintes falando novamente do mesmo modo¹⁸ que meus predecessores. Todavia, uma vez que os discursos possuem uma natureza tal, 8. que é possível dissertar de muitas maneiras diferentes acerca dos mesmos assuntos, tornar baixas as coisas grandiosas e conferir grandiosidade às pequenas, bem como discorrer sobre os antigos acontecimentos de maneira inovadora e falar com estilo arcaico a respeito dos fatos recentes, jamais devemos evitar os assuntos acerca dos quais outros tenham falado antes, mas tentar falar melhor do que eles¹⁹.

Novamente por meio de uma reflexão metadiscursiva, Isócrates explicita como pretende superar os discursos de antigos escritores, graças ao modo como a prática discursiva permite que se trate dos mesmos assuntos de modos diversos. Assim, o termo *idéa* aqui também não pode possuir outra acepção senão a de “modalidade discursiva”, pois podemos inferir dessas palavras que, segundo o autor, há evidentemente outras possíveis modalidades para “expor os acontecimentos”. Além disso, vale salientar que o sentido de *idéa* como gênero nesse caso é, mais especificamente, o de “estrutura textual”, i.e., o modelo que convém a uma composição de uma determinada modalidade discursiva. No caso isocrático, por meio de um panegírico, o autor estaria prestes a tecer um discurso superior ao de outros que trataram dos mesmos assuntos, mas por intermédio de *idéai* diversas daquela que ele irá utilizar. De acordo com Sullivan (2001, p. 82):

He [...] intends to surpass them both in ideas and in approach, choosing the noblest of the sorts of discourse (toutous kallistous einai tôn logôn). He is sure that the time is still ripe for his effort and that his competitors have not exhausted the capacity of speech to express his ideas, for, as Isocrates has it, ‘if one were in no other ways able to expound these matters, than by means of a single form (díá mías idéas)’, then he would have nothing to contribute (7). But, of course, Isocrates can and does.

Dos excertos isocráticos vistos até aqui, podemos tirar ao menos uma importante conclusão: quase sempre que Isócrates utiliza o termo *idéa* com a acepção de “gênero”, “modalidade discursiva”, em suas reflexões *metadiscursivas*, ele exprime seu *criticismo* em relação a determinada(s) *idéa(i)* em confronto com a(s) sua(s), advertindo outros autores e com eles rivalizando. À exceção do *Antídose* 11, observamos que, no *Antídose* 45-6, o

17 Para um estudo específico sobre a réplica de Isócrates ao *Elogio de Helena* de Górgias, cf. Lacerda (2017).

18 Assim como nos §§45-46 do *Antídose*, Isócrates também recorre aqui ao termo τρόπος como sinônimo de idéa.

19 No original: “7. Πρὸς δὲ τούτοις εἰ μὲν μηδαμῶς ἄλλως οἶόν τ’ ἦν δηλοῦν τὰς αὐτὰς πράξεις ἀλλ’ ἢ διὰ μιᾶς idéας, εἶχεν ἄν τις ὑπολαβεῖν ὡς περιεργόν ἐστι τὸν αὐτὸν τρόπον ἐκεῖνοις λέγοντα πάλιν ἐνοχλεῖν τοῖς ἀκούουσιν· 8. ἐπειδὴ δὲ οἱ λόγοι τοιαύτην ἔχουσι τὴν φύσιν ὥσθ’ οἶόν τ’ εἶναι περὶ τῶν αὐτῶν πολλαχῶς ἐξηγησασθαι καὶ τὰ τε μεγάλα ταπεινὰ ποιῆσαι καὶ τοῖς μικροῖς μέγεθος περιθεῖναι, καὶ τὰ τε παλαιὰ καινῶς διελεθεῖν καὶ περὶ τῶν νεωστὶ γεγενημένων ἀρχαίως εἰπεῖν, οὐκέτι φευκτέον ταῦτ’ ἐστὶ περὶ ὧν ἕτεροι πρότερον εἰρήκασιν, ἀλλ’ ἄμεινον ἐκείνων εἰπεῖν πειρατέον”.

autor recusa outras formas discursivas, a fim de tratar apenas daquela que lhe concerne (i.e., seu *lógos politikós*); no *Busíris* 33, por sua vez, Isócrates adverte que Polícrates não desenvolveu o modelo discursivo ao qual havia se proposto (encômio *versus* invectiva); no *Panegírico* 7, por fim, ele revela que pretende tecer seu discurso segundo um modelo de composição superior ao dos trataram dos mesmos acontecimentos.

idéa como figura discursiva

O termo *idéa* em Isócrates, entretanto, pode não apenas significar “gênero de discurso” ou “modalidade discursiva”. No subsequente parágrafo do último excerto citado do *Antídose* (§47), encontramos imediatamente uma terceira ocorrência de *idéa*, porém com uma nova acepção:

47. Com efeito, eles [oradores] apresentam os fatos por meio de um estilo de composição mais poético e mais rebuscado, procuram utilizar argumentos mais solenes e mais originais, e, ainda, organizam todo o discurso com outras figuras mais ilustres e mais numerosas²⁰.

Isócrates não está mais aqui se referindo a modalidades discursivas. Dando continuidade a sua crítica ao estilo simplório da oratória judiciária, o autor discorre sobre como se dá a construção dos discursos cívicos do ponto de vista do “estilo de composição” (ἡ λέξις – *he léxis*): como termo fundamental para a tradição retórica posterior²¹, este deve ser “mais poético e mais rebuscado” (ποιητικώτερα καὶ ποικιλώτερα – *poietikotéra kai poikilotéra*), e o escritor deve organizá-lo com outras *idéais* “mais ilustres e mais numerosas”. Nesse contexto, tais “formas” assumem dessa vez o sentido de “figuras discursivas”, às quais os autores dessas composições recorrem, e que são, por exemplo, parte daquilo que hoje entendemos pela gramática das línguas modernas também como “figuras de discurso” ou “figuras de linguagem”. Além disso, apesar de fazer referência na terceira pessoa (“aqueles que compõem discursos políticos”), é importante notar que Isócrates certamente está se incluindo como um autor desse gênero, que também se vale dessas *idéais*, a fim de conferir ornamentação, distinção, e um estilo de composição mais refinado para seus discursos. Segundo Sullivan (2001, p. 85), “they [ιδέαις] are stylistic features, not ideas, *per se*, but modes of auxesis²²”.

Ao final do segundo parágrafo do já citado discurso *Panatenáico*, também encontramos o termo *idéa* com essa mesma acepção:

2. [...] não somente carregados de muitos argumentos, mas também de não poucas antíteses, simetrias sintáticas, e outras figuras que abrilhantam a eloquência e compelem os ouvintes a aplaudir e causar um sonoro clamor.²³

20 No original: “47. Καὶ γὰρ τῇ λέξει ποιητικώτερα καὶ ποικιλώτερα τὰς πράξεις δηλοῦσιν, καὶ τοῖς ἐνθυμήμασιν ὀγκωδεστέροις καὶ καινότεροις χρῆσθαι ζητοῦσιν, ἔτι δὲ ταῖς ἄλλαις ιδέαις ἐπιφανεστέραις καὶ πλείοσιν ὅλον τὸν λόγον διοικοῦσιν”.

21 Vide, por exemplo, o Livro III da *Retórica* de Aristóteles, todo dedicado ao estudo desse aspecto do *lógos*.

22 I.e., amplificação/hipérbole.

23 No original: “2. [...] καὶ πολλῶν μὲν ἐνθυμημάτων γέμοντας, οὐκ ὀλίγων δὲ ἀντιθέσεων καὶ παρισώσεων καὶ τῶν ἄλλων ιδεῶν τῶν ἐν ταῖς ῥητορείαις διαλαμποῦσῶν καὶ τοὺς ἀκούοντας ἐπισημαίνεσθαι καὶ θορυβεῖν ἀναγκάζουσῶν” νῦν δὲ οὐδὲ ὅπως οὖν τοὺς τοιοῦτους”.

Ao recusar outros gêneros discursivos (aqueles elencados no primeiro parágrafo do *Panatenaico*), Isócrates preferiu ao longo de sua carreira compor discursos em benefício da *pólis*, a fim de, como já vimos, aconselhar Atenas e a Grécia naquilo que lhes fosse útil²⁴. Em seguida, o autor menciona as duas figuras discursivas que mais foram utilizadas na composição de tais discursos: antíteses (*ἀντιθέσεων* - *antithéseon*) e simetrias sintáticas (*παρισώσεων* - *parisóseon*, também chamada propriamente “pariouse” em nossa língua), além de “...outras *figuras discursivas* que abrilhantam a eloquência...” (*τῶν ἄλλων ἰδεῶν τῶν ἐν ταῖς ῥητορείαις*²⁵ *διαλαμπουσῶν* - *tôn állon ideôn tôn en taís retoreíais dialampousôn*).

Assim como Isócrates não pretende ser exaustivo ao elencar alguns gêneros de discurso no *Antídose* 45-46 e no *Panatenaico* 1-2, mas apenas destacar aquele que lhe concerne, aqui também ele não busca formalizar todas nem mesmo as principais figuras discursivas existentes, mas tão somente destacar aquelas que foram mais frequentes em suas obras (*ἀντίθεσις καὶ παρίσωσις* - *antíthesis kai parísisis*²⁶). Apesar de aqui o autor operar com termos que possivelmente já eram técnicos em seu tempo para definir certas figuras discursivas, tais *idéai* não são tratadas de maneira sistemática, pois ele novamente não pretende estabelecer categorias estanques para tais “figuras”, do mesmo modo como ele também utilizara o termo com a nuance de “gênero” (*Antídose* 46).

Por fim, não menos importante para este debate é o §9 do discurso *Evágoras*, passagem em que encontramos o termo *εἶδος* (*eídos*)²⁷ como sinônimo de *idéa*, no mesmo sentido de “figura discursiva”:

9. Os poetas dispõem de muitos ornamentos: aproximando os deuses dos homens, são capazes de fazê-los conversarem e lutarem juntos quem quer que eles queiram, e expõem tais fatos não somente com palavras ordinárias, mas ora com estrangeirismos, ora com neologismos, ora com metáforas, sem deixar de lado nenhum deles, mas adornando sua poesia com todas as figuras.²⁸

O sentido de *eídos* aqui é exatamente aquele mesmo de *idéa* no *Antídose* 47 e no *Panatenaico* 2, i.e., “figuras discursivas”, visto que, nesse passo de sua obra, o autor novamente elenca alguns desses recursos estilísticos responsáveis pela ornamentação e refinamento discursivo presentes na poesia – estrangeirismos (*ξένοις* - *xénois*), neologismos (*καινοῖς* - *kainoís*) e metáforas (*μεταφοραῖς* - *metaphoraís*)²⁹. É importante destacar, por

24 No original: “Ἑλληνικοῦς καὶ πολιτικοῦς καὶ πανηγυρικοῦς” (*Hellenikoús kai politikoús kai panegyrikús* - *Antídose* 46).

25 Para *ῥητορεία* como “eloquência”, cf. *Contra os sofistas* 21.

26 Estas são as ocorrências mais antigas de que temos notícia dessas figuras retóricas. Dionísio de Halicarnasso as destaca como as mais utilizadas por Isócrates, como herança do famoso estilo gorgiano, adicionando a “paromeose” (orações também simétricas, mas com assonância rítmica resultante do uso de desinências finais iguais nas palavras). O crítico julga enfaticamente o estilo isocrático como monótono, em razão do uso excessivo de tais figuras, e as analisa em seu ensaio sobre o autor. Cf. *Dionísio de Halicarnasso* 13-14.

27 Assim como *idéa*, o termo também é um substantivo derivado do verbo *idéiv*.

28 No original: “9. Τοῖς μὲν γὰρ ποιηταῖς πολλοὶ δέδονται κόσμοι· καὶ γὰρ πλησιάζοντας τοὺς θεοὺς τοῖς ἀνθρώποις οἷον τὰ αὐτοῖς ποιῆσαι καὶ διαλεγόμενους καὶ συναγωνιζόμενους οἷς ἂν βουληθῶσιν, καὶ περὶ τούτων δηλῶσαι μὴ μόνον τοῖς τεταγμένοις ὀνόμασιν, ἀλλὰ τὰ μὲν ξένοις, τὰ δὲ καινοῖς, τὰ δὲ μεταφοραῖς, καὶ μηδὲν παραλιπεῖν, ἀλλὰ πᾶσιν τοῖς εἶδεσιν διαποικίλαι τὴν ποιήσιν”.

29 Para uma discussão teórica sobre a presença dessas figuras na eloquência poética, cf. Aristóteles, *Poética*, 1457b1-1458a17.

fim, que, enquanto na outra acepção o termo *idéa* é utilizado como sinônimo de *τρόπος* (*trópos*), aqui ele está diretamente associado, por sua vez, aos *κόσμοι* (*kósmoi* – “ornamentos”) a que poetas recorrem em suas composições.

Se o que há em comum entre os excertos isocráticos em que *idéa* possui acepção de “gênero” é o criticismo do autor contra as modalidades discursivas adotadas por seus rivais, quando Isócrates utiliza o termo, por sua vez, como “figura”, observamos, em primeiro lugar, que ele quase sempre elenca uma pequena lista dessas figuras (*Panatenáico* 2: antíteses e simetrias sintáticas; *Evágoras* 9 [com *eídos*]: estrangeirismos, neologismos e metáforas), fator peremptório que evidencia essa nuance. Todavia, destacamos principalmente que, em todos esses excertos, é possível também constatar o uso de um vocabulário relativo à ornamentação estilística da prática escrita: *Antídose* 47 (*ποιητικωτέρα καὶ ποικιλωτέρα, ὀγκωδεστέροις καὶ καινότεροις – poetikotéra kai poikilotéra, onkodestérois kai kainotérois*); *Panatenáico* 2 (*τῶν ἐν ταῖς ῥητορείαις δ' ἰαλαμπουσῶν – tōn en taís retoreíais dialampousōn*); *Evágoras* (*κόσμοι; διαποικίλαι – kósmoi; diapoikilai*). Assim, sem propriamente sistematizar, formalizar ou classificar tais recursos estilísticos de composição, o autor nesses momentos trata de maneira muito particular a respeito da *léxis*, por intermédio das reflexões metadiscursivas ora apresentadas.

idéa como “elemento discursivo”

A quarta e última ocorrência do termo *idéa* no *Antídose* encontra-se no §183. A partir do início da segunda parte do discurso (do §167 em diante), Isócrates passa a discorrer sobre alguns aspectos de sua atividade pedagógica, discutindo, por exemplo, as funções de professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem segundo sua *paideia* filosófica:

183. Quando recebem discípulos, os professores de educação física ensinam a seus alunos os movimentos que criaram em vista das competições, ao passo que os de filosofia expõem a seus discípulos todos os elementos empregados pelo discurso.³⁰

Por meio de uma analogia com a educação física (*παιδοτρίβαι - paidotribai*), Isócrates discorre a respeito de sua função pedagógica enquanto professor de filosofia. Numa sucinta proposição, ele define o objeto de estudo dessa disciplina como *idéas* relativas ao aprendizado da oratória. Nos parágrafos subsequentes, porém, o autor não discorre a respeito de quais sejam precisamente tais *idéai*. Ora, nas acepções anteriores, observamos que ele quase sempre determina com clareza quais são as *idéai* de que está tratando: as modalidades discursivas arroladas no §46 do *Antídose*, e algumas “figuras” citadas no §2 do *Panatenáico*, por exemplo. Nessa nova ocorrência do §183 do *Antídose*, por outro lado, o termo é utilizado de maneira imprecisa, pois não são especificados a respeito de quais aspectos do discurso ele está a discorrer. Depreende-se daí um sentido mais geral para o termo, dentro, é claro, dos limites que compreendem todo o conteúdo disciplinar do ensino do *lógos*.

30 183. Ἐπειδὴν γὰρ λάβωσι μαθητὰς, οἱ μὲν παιδοτρίβαι τὰ σχήματα τὰ πρὸς τὴν ἀγωνίαν εὐρημένα τοῦς φοιτῶντας διδάσκουσιν, οἱ δὲ περὶ τὴν φιλοσοφίαν ὄντες τὰς ἰδέας ἀπάσας, αἷς ὁ λόγος τυγχάνει χρώμενος, διεξέρχονται τοῖς μαθηταῖς.

Para melhor ilustrar a amplitude da presente acepção, vale lembrar que, das ocorrências de *idéa* em Isócrates, esta é aquela em que encontramos maiores divergências, ainda que sensíveis, por parte dos principais tradutores do autor no séc. XX. Norlin (*ibidem*, p. 289) não se arrisca e traduz o termo aqui por seu sentido mais básico (“*forms of discourse*”). Mathieu (*ibidem*, p. 148), por seu turno, entende *idéa* como “*thèmes généraux*”, acepção que será vista na próxima seção deste artigo. Marzi (*ibidem*, p. 267) e Hermida (*ibidem*, p. 351), por fim, concordam em traduzir por “*procediment*” e “*procedimientos*”, respectivamente.

Em razão de seu contexto, o termo parece não se referir especificamente a “gêneros” ou “figuras”, como observado nas acepções anteriores, mas possui uma terceira nuance mais geral: “elementos discursivos”, “procedimentos oratórios”, ou mesmo os “pressupostos” da filosofia isocrática ali mencionada. Nesse excerto, portanto, *idéa* assume um caráter mais genérico, pois diz respeito a tudo aquilo que compreende o aprendizado da oratória, incluindo as modalidades discursivas, as figuras de discurso e quaisquer outros elementos que eventualmente façam parte do objeto de estudo ensinado por um professor de filosofia (nesse caso, é claro, pelo próprio Isócrates). Segundo Sullivan (2001, p. 88 e 90):

“[...] Isocrates uses the terms as if he could be referring to either ‘figure’ or to a topic ‘structure’ or perhaps even to the form of a speech, but there is no way of distinguishing the level of particularity at which he is speaking. In these cases, it seems safest to follow what has become the standard usage and employ the translation of ‘elements’ [...]”

“[...] (Antidosis 183). The exact meaning of idea is indeterminate here; it would refer to any of the elements of the art that could be taught by Isocrates, genre, figures, or thematic development.”

Em uma das passagens mais centrais e citadas do *corpus* isocrático (*Contra os Sofistas* 16), o autor também faz menção aos *elementos* discursivos (*idéai*) que o aluno de oratória deve aprender com os mestres especialistas no assunto, e não com os sofistas que fazem promessas hiperbólicas e mentirosas:

16. Já que cheguei até esse ponto, quero falar sobre o tema de maneira ainda mais clara. Afirmo, então, que adquirir o conhecimento dos elementos a partir dos quais proferimos e compomos todos os discursos, não é tarefa das mais difíceis em absoluto, desde que o sujeito se entregue não para os que fazem promessas com facilidade³¹, mas para aqueles que conhecem alguma coisa a esse respeito³². Todavia, escolher os devidos procedimentos para cada assunto; misturá-los uns aos outros e ordená-los sob um determinado critério; não se equivocar quanto às situações oportunas para usá-los; ornar convenientemente o discurso inteiro com raciocínios lógicos³³; e proferi-lo melodicamente com palavras bem ritmadas; [...].³⁴ (Tradução de LACERDA, 2018, p.74).

31 Cf. o primeiro parágrafo do *Elogio de Helena*, quando Isócrates também critica aqueles que fazem promessas insólitas a seus discípulos.

32 Cf. *Elogio de Helena* 11, e o questionamento de Sócrates para o jovem Hipócrates, antes que este entregue sua alma aos cuidados de Protágoras, em PLATÃO, *Protágoras* 311a-b.

33 Na *Retórica* de Aristóteles, os “*entimemas*” (*ἐνθυμήματα*) são definidos tradicionalmente como “*silogismos retóricos*”.

34 16. Βούλωμαι δ’ ἐπειδὴ περ εἰς τοῦτο προήλθον, ἔτι σαφέστερον εἰπεῖν περὶ αὐτῶν. Φημί γὰρ ἐγὼ τῶν μὲν ἰδεῶν, ἐξ ὧν τοὺς λόγους ἅπαντας καὶ λέγομεν καὶ συντίθεμεν, λαβεῖν τὴν ἐπιστήμην οὐκ εἶναι τῶν

Segundo Isócrates, as *idéai* são, em síntese, a matéria requerida para a efetiva realização da prática oratória por parte de seus discípulos (SULLIVAN 2001, p. 89; SCHLATTER, 1972, p. 592-3). Nesse caso, notamos que aqui o termo agrega em si pelo menos as outras duas acepções vistas anteriormente: “gênero” (escolher uma *idéa* a ser utilizada) e “figura discursiva” (ornamentação, melodia e ritmo). Além disso, “misturar e ordenar” *idéai* constitui a quarta acepção que será vista adiante: “temas” do discurso. Desse modo, observamos, em suma, que os *elementos* (ou *procedimentos*) discursivos aos quais Isócrates se refere neste conhecido passo do *Contra os Sofistas* compreendem ao menos três níveis das chamadas “partes da retórica”: *inventio* (εὐρεσις - *heúresis*), *dispositio* (τάξις - *táxis*) e *elocutio* (λέξις - *léxis*)³⁵.

No *Elogio de Helena* 11, por sua vez, o autor também recorre ao termo de forma genérica, a fim de novamente designar os elementos discursivos que devem ser aprendidos por um orador; nesse caso, para aquele que deseja tecer encômios e tratar de assuntos de grande relevância:

11. Dessas obras [simplórias], só há um caminho a ser seguido, o qual não é complicado descobrir, nem aprender, nem imitar. Todavia, os discursos comuns, confiáveis e semelhantes a estes, são compostos e pronunciados por meio de muitos elementos e situações de difícil aprendizado, e a composição deles é tão mais difícil quanto é mais penoso louvar do que zombar, e ser sério do que brincar.³⁶

Sullivan (2001, p. 83) analisa brevemente esse parágrafo e considera que sua acepção é a de “gênero”/modalidade discursiva. O crítico entende que o contraste feito por Isócrates entre *mía tis ódós* (*mía tis hodós*) e *διὰ πολλῶν ιδεῶν* (*dià pollôn ideôn*) diz respeito a um único “gênero” dos sofistas em oposição a uma enorme variedade de gêneros da prosa isocrática. Os tradutores do autor no séc. XX, em contrapartida, escolhem termos genéricos e imprecisos na busca de soluções para o sentido de *idéa* nessa passagem: Van Hook (1945, Vol. III, p. 191): *forms*; Mathieu & Brémond (*ibidem*, Vol. I, p. 166): *moyens d'expression*; Hermida (*ibidem*, p. 308): *procedimientos*; Marzi (*ibidem*, Vol. I, p. 497): *idee*.

Assim como vimos na análise do §183 do *Antídoto*, Isócrates também não deixa claro aqui de que *idéai* ele está tratando. Por essa razão, o autor parece se referir de forma ampla a todos os aspectos e conteúdos que devem ser aprendidos por quem deseja imitar tais gêneros (modalidades discursivas, figuras, etc.), e não apenas à sua natureza enquanto “gênero”. É mais difícil louvar e ser sério do que zombar e brincar porque há uma variedade muito maior de “meios de expressão” e procedimentos oratórios (*pollôn ideôn*) próprios do encômio, o que, segundo ele, não ocorre nas obras simplórias dos sofistas (*mía tis hodós*). Vale ressaltar, ademais, que o contexto em que o termo aqui se insere é próprio de suas ocorrências com essa acepção. Também no §11 do *Elogio de Helena* encontramos

πάνυ χαλεπὸν, ἦν τις αὐτὸν παραδιδῶ μὴ τοῖς ῥαδίως ὑπισχνουμένοις ἀλλὰ τοῖς εἰδόσιν τι περὶ αὐτῶν· τὸ δὲ τούτων ἐφ' ἐκάστῳ τῶν πραγμάτων ἄς δεῖ προελέσθαι καὶ μειξασθαι πρὸς ἀλλήλας καὶ τάξασθαι κατὰ τρόπον, ἔτι δὲ τῶν καιρῶν μὴ διαμαρτεῖν ἀλλὰ καὶ τοῖς ἐνθυμήμασι πρεπόντως ὅλον τὸν λόγον καταποικίλαι καὶ τοῖς ὀνόμασιν εὐρύθμως καὶ μουσικῶς εἰπεῖν;

35 Para um estudo mais aprofundado do discurso *Contra os Sofistas*, cf. LACERDA, 2020b.

36 11. “Ἔστιν γὰρ τῶν μὲν τοιοῦτων συγγραμμάτων μία τις ὁδός, ἦν οὐθ' εὐρεῖν οὔτε μαθεῖν οὔτε μιμήσασθαι δύσκολόν ἐστιν· οἱ δὲ κοινοὶ καὶ πιστοὶ καὶ τούτοις ὅμοιοι τῶν λόγων διὰ πολλῶν ιδεῶν καὶ καιρῶν δυσκαταμαθήτων εὐρίσκονται τε καὶ λέγονται, καὶ τοσοῦτο χαλεπωτέραν ἔχουσι τὴν σύνθεσιν ὅσοι περὶ τὸ σεμνύνεσθαι τοῦ σκόπτειν καὶ τὸ σπουδάζειν τοῦ παίξειν ἐπιπυνώτερόν ἐστιν.

uma reflexão metadiscursiva sobre o modo de aprendizagem das *idéai* discursivas, em sua nuance mais abrangente possível, i.e., referindo-se a modalidades discursivas, figuras de discurso, escolha de temas e demais elementos oratórios.

Por fim, em sua *Carta aos Filhos de Jasão*, o autor também se refere às *idéai* do discurso como matéria daquilo que deve ser explorado por professor e aluno no processo de aprendizagem de sua filosofia:

8. Costumo a dizer a meus alunos de filosofia que, em primeiro lugar, é preciso observar aquilo que deve ser realizado pelo discurso como um todo e por suas partes. Uma vez que descobrimos isso e o determinamos com exatidão, digo que é necessário buscar os elementos por meio dos quais executaremos e daremos cabo aquilo a que nos havíamos propostos. Isso é o que afirmo com relação aos discursos, que é também fundamento tanto para todas as demais atividades como para vossos assuntos.³⁷

A carta aos filhos de Jasão tem por objetivo aconselhá-los a governar sua cidade de forma mais moderada, após uma série de assassinatos políticos, incluindo o de seu pai, antigo tirano de Ferae, na Tessália. Assim, Isócrates oferece seus conselhos demonstrando como é necessário que se proceda no aprendizado tanto da oratória como da política. Os alunos devem primeiro determinar qual é a finalidade de um discurso, para só depois pensarem em como deverão operar com as *idéai* na realização daquilo que havia sido planejado. Novamente, o termo aqui possui uma acepção mais ampla, pois não somente diz respeito às possibilidades de “gêneros” de discurso que poderão ser utilizados pelos alunos, às figuras discursivas e à disposição de suas partes, mas também a quaisquer outros *elementos* por meio dos quais um determinado discurso é composto. O sentido do termo nesse passo é um tanto vago, e não determina com precisão quais seriam tais elementos. Segundo o autor, esse procedimento, por conseguinte, vale não apenas para a oratória como também para todas as demais atividades (por isso sua generalidade), incluindo, é claro, a política com a qual os filhos de Jasão deverão governar melhor sua cidade.

Vale destacar que, nessa reflexão metadiscursiva, Isócrates de certo modo explica um pouco melhor como a primeira etapa do processo de composição discursiva se realiza, a *inventio* (*heúresis*), conforme ele já a indicara, como vimos, no §16 do *Contra os Sofistas*. Determinar um objeto para o discurso (*σκέψασθαι* - *sképsasthai*), descobri-lo (*εὐρωμεν* - *heúromen*), e então buscar (*ζητητέον* - *zetetéon*) as *idéai* para sua realização, fazem parte de um procedimento exclusivamente inventivo e intelectual, o qual precede a composição prática do discurso oratório de fato (GAINES, 1990, p. 166-7).

Assim como foi possível observar um fator comum nas ocorrências de cada uma das duas acepções do termo *idéa* vistas anteriormente, aqui também fica evidente um mesmo contexto quando Isócrates o utiliza de maneira genérica (i.e., como “elementos” do discurso). Em todas as ocorrências da presente acepção há menção ao modo como seus discípulos devem proceder no aprendizado de sua “filosofia”; i.e., nas quatro reflexões metadiscursivas apresentadas, *idéa* possui sentido genérico porque justamente se refere

37 8. Εἶθισμαι γὰρ λέγειν πρὸς τοὺς περὶ τὴν φιλοσοφίαν τὴν ἡμετέραν διατριβόντας ὅτι τοῦτο πρῶτον δεῖ σκέψασθαι, τί τῆ λόγῳ καὶ τοῖς τοῦ λόγου μέρεσι διαπρακτέον ἐστίν· ἐπειδὴν δὲ τοῦθ' εὐρωμεν καὶ διακριβωσώμεθα, ζητητέον εἶναι φημι τὰς ιδέας, δι' ὧν ταῦτ' ἐξεργασθήσεται καὶ λήψεται τέλος ὅπερ ὑπεθέμεθα. Καὶ ταῦτα φράζω μὲν ἐπὶ τῶν λόγων, ἐστὶν δὲ τοῦτο στοιχείον καὶ κατὰ τῶν ἄλλων ἀπάντων καὶ κατὰ τῶν ὑμετέρων πραγμάτων.

de forma ampla e imprecisa a todos os recursos, procedimentos ou elementos que fazem parte de seu programa pedagógico, a serem aprendidos por seus alunos em sua escola. O termo denota, em suma, a matéria de estudo de seus discípulos, o amplo conteúdo da *paideia* isocrática, sem que o autor discuta com maior rigor quais sejam precisamente tais elementos (com exceção da breve descrição das partes do processo de composição oratória arroladas no *Contra os Sofistas* 16).

ιδέα como “tema” de um discurso

Após já termos analisado até aqui as quatro ocorrências de *idéa* presentes no discurso *Antidose*, cabe, por fim, verificar outras três passagens das obras de Isócrates em que o termo também é utilizado, porém em uma nova acepção ainda não discutida: “tema” de um discurso. Dada a sua importância no *corpus* isocrático, em razão de sua polissemia, esta última análise se torna também indispensável para o presente estudo.

No §14 do *Elogio de Helena*, como já vimos anteriormente, Isócrates critica Górgias alusivamente, pois seu discurso homônimo, que se pretendia no título como um encômio, resultou, porém, em uma apologia. O presente discurso isocrático, por sua vez, funcionará como uma réplica ao gorgiano. Essa reflexão metadiscursiva prossegue no §15, quando o autor distingue a finalidade de cada um dos dois gêneros discursivos, opondo, assim, seu encômio àquela apologia de Górgias:

15. Este discurso não é composto a partir dos mesmos temas, nem versa acerca das mesmas ações, mas, ao contrário: convém defender os que são acusados de cometer injustiças e elogiar os que são diferenciados em algo nobre. E para que eu não pareça estar fazendo o discurso mais fácil, ou seja, criticar os outros sem mostrar minha própria versão³⁸, tentarei falar sobre essa mesma mulher, deixando de lado tudo que já foi dito por outros autores.³⁹

Com esse parágrafo, Isócrates encerra o proêmio de seu *Elogio de Helena*. Segundo o autor, o discurso que se segue, constitui precisamente um encômio porque sua finalidade é de fato enaltecer Helena (*ἐπαινεῖν* - *epaineîn*), e não defendê-la de acusações (*ἀπολογεῖσθαι* – *apologeîsthai*) como Górgias havia feito. Todavia, de que modo o gênero de seu discurso será empregado para que seja diferente daquele gorgiano? Ele não será composto a partir das mesmas *idéai*, nem tratará das mesmas érga. Estas ações (ou “acontecimentos”) dos episódios da vida de Helena, que serão narradas e enalticidas por Isócrates, constituirão, ao mesmo tempo, *temas* diversos daqueles encontrados no *Elogio de Helena* de Górgias.

Com efeito, o discurso gorgiano, além do proêmio e da peroração, é dividido basicamente em quatro partes principais, as quais buscam refutar as acusações de que Helena

38 Isócrates recorre com frequência à fórmula ἵνα δὲ μὴ δοκῶ (*hína dè mè dokō*) com a intenção de antecipar a defesa de algumas acusações, caso não oferecesse sua versão sobre o assunto tratado. Se o autor não apresentasse essa versão, poderia ser acusado de motivação erística, ou seja, de visar apenas à refutação de seus adversários. Cf. a mesma construção no *Busíris* 9 e no *Contra os Sofistas* 22.

39 15. Ἔστιν δ' οὐκ ἐκ τῶν αὐτῶν ιδεῶν οὐδὲ περὶ τῶν αὐτῶν ἔργων ὁ λόγος, ἀλλὰ πᾶν τοῦναντίον ἀπολογεῖσθαι μὲν γὰρ προσήκει περὶ τῶν ἀδικεῖν αἰτίαν ἔχόντων, ἐπαινεῖν δὲ τοὺς ἐπὶ ἀγαθῷ τινὶ διαφερόντας. Ἴνα δὲ μὴ δοκῶ τὸ ῥᾶστον ποιεῖν, ἐπιτιμᾶν τοῖς ἄλλοις μηδὲν ἐπιδεικνύς τῶν ἐμαυτοῦ, περὶ αὐτῆς ἐπιτίμης εἰπεῖν, παραλιπὼν ἅπαντα τὰ τοῖς ἄλλοις εἰρημένα.

fora culpada por ter desencadeado a Guerra de Troia, oferecendo, assim, possíveis razões para o seu rapto: (i) – o desígnio dos deuses que a obrigou a ir para Troia; (ii) – a força física dos soldados troianos que a raptaram; (iii) – o *lógos* que a persuadiu; e (iv) – o deus Eros que a dominou e a fez se enamorar de Páris. Ao elencar essas possíveis justificativas, Górgias molda seu discurso segundo as diretrizes formais de uma apologia, como se Helena estivesse perante um tribunal, e o autor buscasse eximi-la de sua responsabilidade pela guerra⁴⁰. Segundo Isócrates, portanto, as *idéai* empregadas no discurso gorgiano não são próprias para um encômio, mas para uma apologia em contexto judiciário (cf. LA-CERDA, 2017, p. 64-7).

O *Elogio de Helena* de Isócrates, por seu turno, “não é composto a partir dos mesmos temas, nem versa acerca das mesmas ações”. Além do próêmio e da peroração, o autor divide o “corpo” de seu elogio em: (i) linhagem mítica de Helena; (ii) elogio a Teseu; (iii) Helena e seus pretendentes; (iv) Helena e Páris; (v) Helena em meio aos conflitos entre gregos e troianos; (vi) elogio à beleza; e (vii) elogio ao poder de Helena. Por essa razão, ao contrário da estrutura composicional apologética de Górgias, o gênero encomiástico que será efetivamente empregado por Isócrates exige outro modelo estrutural, composto por outras *idéai*. Em seus comentários ao *Elogio de Helena* de Isócrates, Gusmano (1960, p. 39-40) anota que:

“15. L’oratore vuol dire che c’è differenza tra un discorso encomiastico e un apologetico, perché un discorso encomiastico non si può fare con le medesime idee e con i medesimi argomenti (ἐκ τῶν αὐτῶν ιδεῶν οὐδὲ περὶ τῶν αὐτῶν ἔργων) di un discorso apologetico, giacché chi ha commesso colpa (περὶ τῶν ἀδικεῖν αἰτίαν ἐχόντων, lett.: intorno a quelli che hanno la colpa di commettere ingiustizie) si deve difendere (ἀπολογεῖσθαι προσήκει) invece chi si distingue per qualche virtù (τοὺς ἐπ’ ἀγαθῶ τινὶ διαφέροντας) si deve lodare (è sott. προσήκει).”

Desse modo, o termo *idéa* aqui não possui a acepção propriamente de gênero (como poderia sugerir a reflexão metadiscursiva colocada nesse momento pelo autor a respeito do elogio *versus* a defesa), mas, no plural, diz respeito mais especificamente aos temas que compõem a estrutura de um e de outro modelo discursivo adotado por Górgias e por Isócrates. A construção de um elogio ou de uma defesa, portanto, deve seguir as diretrizes estruturais que convêm a cada uma das modalidades discursivas adotadas pelos autores (SULLIVAN, 2001, p. 87-88).

No discurso *Para Níocles*, encontramos outra ocorrência de *idéa* com o mesmo sentido, quando, nos §§48-9, Isócrates trata a respeito da dicotomia entre discursos úteis (políticos) e discursos fabulosos (míticos). Os compositores deste último gênero souberam identificar, na natureza humana, quais “temas” devem ser tratados em suas composições para cativar a audiência e nela gerar comoção e deleite, abandonando, em contrapartida, os conselhos comumente presentes nos discursos políticos:

40 O próprio Górgias, aliás, se refere ao escopo de sua argumentação como uma espécie de “defesa” em nome de Helena, tendo em vista a ocorrência do verbo de mesma raiz daquele substantivo: ἀπολογήσασθαι (*apologé-sasthai* – “defender”): Górgias, *Elogio de Helena* 8 – “εἰ δὲ λόγος ὁ πείσας καὶ τὴν ψυχὴν ἀπατήσας, οὐδὲ πρὸς τοῦτο χαλεπὸν ἀπολογήσασθαι καὶ τὴν αἰτίαν ἀπολύσασθαι ὄδε. [...]”. *Mas se foi o discurso que a persuadiu e enganou sua mente, não é difícil defendê-la disso nem libertá-la da culpa. [...]*. Tradução de minha autoria.

48. É evidente que quem deseja compor ou escrever algo atraente para as massas deve buscar não os discursos mais proveitosos, mas os mais fabulosos, pois do mesmo modo os homens se comprazem quando ouvem mitos e quando contemplam conflitos e querelas. É por isso, aliás, que a poesia de Homero e a dos primeiros compositores trágicos são dignas de admiração, porque, ao analisarem a natureza humana, adotaram ambos os temas em seus poemas. 49. O primeiro cantou fabulosamente os conflitos e as guerras dos semideuses; os outros, por sua vez, transformaram as fábulas em conflitos e ações, de modo que não somente são ouvidos como também contemplados por nós. Portanto, partindo desses exemplos, fica demonstrado que quem deseja seduzir o auditório deve renunciar à reflexão e ao conselho⁴¹, e dizer as coisas com as quais as massas se comprazem.⁴²

Novamente, Isócrates opõe modalidades de discurso distintas: discurso mítico (μυθοδεστάτους - *mythodestátous*) versus discurso político (ὠφελιμωτάτους *ophelimotoátous*). Segundo o autor, Homero e os tragediógrafos adotaram duas *idéai* centrais em suas composições míticas: conflitos e querelas (τοὺς ἀγῶνας καὶ τὰς ἀμίλλας – *toús agónas kai tás hamíllas*). Assim, a acepção do termo nessa ocorrência também diz respeito à matéria dessas composições; i.e., há nelas *temas* específicos que serão tratados por seus autores (HERMIDA, 1982, p. 160). Segundo Sullivan (2001, p. 88):

“The descriptions of ‘battles and contests’ are particular *ideai*, structural units of composition that can be loaded into fiction to make it more pleasurable for the readers. More than a figure, and not so much a thought or consideration, per se, this is a particular compositional device, and it conforms to a notion of what we would call a theme or structure.”

Finalmente, o termo *idéa* também ocorre com a mesma acepção no §143 do discurso *Para Filipe*. Nos parágrafos precedentes, Isócrates fizera alguns elogios ao poderio e à supremacia do rei Filipe II da Macedônia, demonstrando sua importância na posteridade por ter liderado os gregos na guerra contra os persas. O tom encomiástico, porém, se dá de maneira indireta: o autor, aparentemente, busca apenas assegurar que tais elogios serão manifestados pelos homens no futuro, pois é natural que todos demonstrem respeito e admiração por um político e estrategista tão importante como o rei macedônio. Isócrates, no entanto, não fará diretamente tais elogios, pois...

143. Preferi, porém, abster-me desse tema por duas razões: porque alguns autores recorrem a ele inoportunamente, e também porque não quero fazer com que os semideuses sejam considerados inferiores aos heróis hodiernos.⁴³

41 À parte a presente discussão, vale ressaltar que, nesse passo do *Para Nicocles*, Isócrates está na verdade criticando aqueles que tratam de temas míticos, sejam poetas ou oradores, em lugar de produzirem algo que seja realmente útil para a audiência, como os conselhos políticos que o autor tanto buscou passar ao longo de seus discursos. Cf., por exemplo, a recusa de Isócrates aos temas míticos nos já citados excertos do *Panatenáico* 1-2 e do *Antídoto* 45-6.

42 48. Ἐκεῖνο δ' οὖν φανερόν, ὅτι δεῖ τοὺς βουλομένους ἢ ποιεῖν ἢ γράφειν τι κεχαρισμένον τοῖς πολλοῖς μὴ τοὺς ὠφελιμωτάτους τῶν λόγων ζητεῖν, ἀλλὰ τοὺς μυθοδεστάτους· ἀκούοντες μὲν γὰρ τῶν τοιούτων χαίρουσιν, θεωροῦντες δὲ τοὺς ἀγῶνας καὶ τὰς ἀμίλλας. Διὸ καὶ τὴν Ὀμήρου ποιήσιν καὶ τοὺς πρότους εὐρόντας τραγωδίαν ἄξιον θαυμάζειν, ὅτι κατιδόντες τὴν φύσιν τὴν τῶν ἀνθρώπων ἀμφοτέρας ταῖς ἰδέαις ταύταις κατεχρήσαντο πρὸς τὴν ποιήσιν. Ὁ μὲν γὰρ τοὺς ἀγῶνας καὶ τοὺς πολέμους τοὺς τῶν ἡμιθέων ἐμυθολόγησεν, οἱ δὲ τοὺς μύθους εἰς ἀγῶνας καὶ πράξεις κατέστησεν, ὥστε μὴ μόνον ἀκουστοὺς ἡμῖν ἀλλὰ καὶ θεατοὺς γενέσθαι. Τοιούτων οὖν παραδειγμάτων ὑπαρχόντων δέδεικται τοῖς ἐπιθυμοῦσιν τοὺς ἀκροωμένους ψυχαγωγεῖν ὅτι τοῦ μὲν νουθετεῖν καὶ συμβουλευεῖν ἀφεκτέον, τὰ δὲ τοιαῦτα λεκτέον, οἷς ὀρθοῖ τοὺς ὄχλους μάλιστα χαίροντας.

43 143. Ἀλλὰ γὰρ εἰλόμην ἀποσχέσθαι τῆς τοιαύτης ἰδέας δι' ἀμφοτέρα, διὰ τε τοὺς οὐκ εὐκαιρῶς αὐτῇ χρωμένους καὶ διὰ τὸ μὴ βούλεσθαι ταπεινότερους ποιεῖν τῶν νῦν ὄντων τοὺς ἡμιθέους εἶναι νομιζομένους.

Com efeito, um dos recursos de amplificação (auxese) de caráter em um encômio isocrático consiste em comparações da figura e dos feitos do elogiado com semideuses, heróis do passado ou personalidades de renome⁴⁴. No *Elogio de Helena*, por exemplo, o autor compara Teseu a Hércules, a fim de demonstrar a superioridade do primeiro em relação ao segundo⁴⁵. De acordo com Isócrates no *Para Filipe*, outros autores fazem mau uso desse recurso, e, por falsa modéstia, ele parece não querer incorrer nesse mesmo erro nem enaltecendo o rei da Macedônia a ponto de fazê-lo superar os heróis míticos do passado. Se fizesse uso desse recurso, o autor assim comporia um novo *tema* para seu discurso baseado na comparação. Ademais, vale também destacar que, por meio dessa reflexão metadiscursiva, Isócrates novamente pretende deixar claro as razões pelas quais compõe ou não certas partes ou desenvolve determinados temas no presente discurso.

Como pudemos observar, a análise do termo *idéa* com a nuance de “tema” de um discurso mostrou-se do mesmo modo pertinente para o presente estudo. Também presentes em importantes reflexões metadiscursivas isocráticas, as ocorrências do termo aqui comentadas podem nos evidenciar, do mesmo modo como nas outras acepções anteriormente vistas, um contexto em comum. Quando recorre ao termo para determinar temas de um discurso, Isócrates está, em primeiro lugar, discutindo a forma como ele ou outros escritores devem conceber e elaborar a estrutura discursiva dos gêneros que praticam. Além disso, nesses contextos, o autor novamente rivaliza com seus pares, demonstrando como eles, de uma maneira ou de outra, não souberam compor seus discursos por meio das *idéai* devidas a uma dada modalidade discursiva. No *Elogio de Helena*, suas *idéai* serão diversas daquelas da apologia composta por Górgias, pois ele, ao contrário, estruturará seu discurso por meio de temas próprios a um encômio. No *Para Nicocles*, por sua vez, Isócrates se opõe aos compositores de mitos, evidenciando sutilmente que sua prosa política está voltada antes para o conselho e a reflexão do que para as narrativas bélicas (*idéai* dos mitógrafos), que deleitam a audiência. No *Para Filipe*, por fim, o autor declara que outros autores utilizam erroneamente o recurso da comparação nas composições encomiástica, *idéa* assaz comum na estrutura de composição de seus discursos desse gênero.

Considerações finais

Após a exposição das reflexões metadiscursivas isocráticas em que se encontram ocorrências do termo *idéa*, bem como das interpretações que aqui foram sugeridas, podemos propor algumas considerações finais para este artigo. Em primeiro lugar, cabe dizer que o uso do termo em Isócrates não é propriamente técnico. Devido a sua polissemia, observamos que *idéa* possui nuances muito peculiares em cada uma de suas ocorrências. Além disso, mesmo na análise de cada uma de suas acepções, o termo nem sempre diz respeito a um mesmo aspecto definido e bem delimitado de seus ensinamentos sobre o *lógos*, mas, por vezes, a vários. Assim como boa parte dos termos ou expressões centrais com as quais

44 Ao tratar desse recurso estilístico na *Retórica* (1368a19-21), i.e., a amplificação baseada na comparação, Aristóteles cita justamente Isócrates como paradigma de quem o pratica.

45 Nesse caso, a comparação é alegórica, pois o intuito é o de demonstrar a superioridade ateniense (Teseu, herói ateniense) em relação à espartana (Hércules, herói espartano), em um período recente de pós-guerra do Peloponeso (por volta de 380 a.C.). A comparação encontra-se inserida numa das partes do *Elogio de Helena* conhecida como “elogio a Teseu” (§§18-37).

o autor opera, *idéa*, a cada reflexão metadiscursiva, possui uma acepção específica, que normalmente só pode ser depreendida por meio de *contextos* muito particulares.

Cada uma das reflexões isocráticas sobre o *lógos* possui suas peculiaridades inerentes ao modo como sua *paideia* opera, visto que cada uma de suas obras resguarda, de algum modo, suas idiossincrasias internas. De fato, dentro de um mesmo discurso (*Antídose*), pudemos verificar três acepções para apenas quatro ocorrências. Por essa razão, ao contrário do que seria se um vocabulário técnico fosse empregado, Isócrates não busca definir termos específicos para discutir os conceitos próprios de sua práxis discursiva. O autor, ao invés disso, faz uso de um léxico mais usual da prosa ática, para expressar, com certa liberdade terminológica, a forma como seu processo de composição escrita se realiza, bem como expor alguns dos preceitos de sua escola através justamente de suas reflexões metadiscursivas.

Ademais, vale por fim salientar que, não somente nas reflexões metadiscursivas discutidas neste artigo, mas em muitas outras delas, é possível notarmos a maneira como Isócrates busca romper com diversas tradições, apresentando-se como um autor inovador em diversos níveis, seja estilístico, temático e, para além disso, propedêutico. Seu criticismo, sobretudo contra a poesia e a sofística, permeia grande parte dessas reflexões e opera com termos que, na maioria das vezes, tornam-se centrais – mas não técnicos – para uma melhor compreensão de sua obra.

Referências

- BEEKES, Robert. *Etymological dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2009.
- CAMPBELL, David. *Greek lyric (volume I): Sappho and Alcaeus*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- GAINES, Robert N. Isócrates: ep. 6.8. *Hermes*, 118 bd., h. 2, 1990.
- GUSMANO, Tomassetti. *Isocrate: encomio di Elena*. Roma: Angelo Signorelli Editore, 1960.
- HERMIDA, Juan Manuel. *Isócrates: discursos*. Madrid: Editorial Biblioteca Gredos, 1982.
- KENNEDY, George A. Isocrates' Encomium of Helen: a panhellenic document. *American Philological Association*, v. 89, 1958.
- LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates: tradução, notas e estudo introdutório*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 115. 2011.
- _____. *As reflexões metadiscursivas no discurso Antídose de Isócrates*. 2016. Tese (Doutorado em Letras Clássicas), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 280. 2016.
- _____. O Elogio de Helena de Isócrates: réplica a Górgias e a unicidade de seu discurso epidítico. *Codex: Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2017.
- _____. Tradução do discurso "Contra os Sofistas" de Isócrates. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, 2018.

- _____. Tradução do discurso “Contra Eutino” (sem testemunha) de Isócrates. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, 2020a.
- _____. Idoneidade, justiça, natureza, virtude e temperança: a filosofia de Isócrates em seu discurso “Contra os Sofistas”. *Roda da Fortuna: Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, v. 9, n. 1, 2020b.
- LOPES, Daniel Rossi Nunes. *Platão: protágoras*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- MARZI, Mario. *Opere di Isocrate*. Turim: Unione Tipografico, 1991.
- MATHIEU, Georges & BRÉMOND, A. *Isocrate: discours*. Paris: Les Belles Lettres, vol. I, 1929; vol. II, 1938; vol. III, 1942; vol. IV, 1962.
- MIRHADY, David C.; TOO, Yun Lee. Isocrates (vol. I). In: GAGARIN, Michael (ed.). *Isocrates: the oratory of Classical Greece*. Austin: University of Texas Press, 2000.
- NICOLAI, Roberto. *Studi su Isocrate: la comunicazione letteraria nel IV sec. a.C. e i nuovi generi della prosa*. Roma: Edizione Quazar, 2004.
- NORLIN, George. *Isocrates (vol. I)*. Cambridge: Harvard University Press, 1928.
- _____. *Isocrates (vol. II)*. Cambridge: Harvard University Press, 1929.
- PAPILLON, Terry L. Isocrates (vol. II). In: GAGARIN, Michael (ed.). *Isocrates: the oratory of Classical Greece*. Austin: University of Texas Press, 2004.
- RACE, William. *Olympian Odes. Pythian Odes*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- ROSS, Sir David W. *Aristotelis: Ars Rhetorica*. New York: Oxford University Press, 1959.
- SCHLATTER, Fredric W. Isocrates: against the sophists. *The American Journal of Philology*, v. 93, n. 4, 1972.
- SOUZA, Eudoro de. *Aristóteles: Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1951.
- SULLIVAN, Robert G. Eidos/idea in Isocrates. *Philosophy and Rethoric*, v. 34, n. 1, jan. 2001, p. 79-92.
- TOO, Yun Lee. *The rhetoric of identity in Isocrates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- _____. *A commentary on Isocrates' Antidosis*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- USHER, Stephen. *Dionysius of Halicarnassus: critical essays (volume I)*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- VAN HOOK, La Rue. *Isocrates (vol. III)*. Cambridge: Harvard University Press, 1945.
- WERSDÖRFER, Hans. *Die φιλοσοφία des Isokrates im Spiegel ihrer Terminologie*. Leipzig: Harrassowitz, 1940.
- WILCOX, Stanley. Isocrates' Genera of Prose. *The American Journal of Philology*, v. 64, n. 4, 1943.

Recebido em: 18/05/2020; Aceito em: 01/06/2020.